

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA VEJA: UM ESTUDO DA HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

Leilane Morais Oliveira¹
Cristiane Cataldi dos Santos Paes²

RESUMO: A contemporaneidade ocasionou um crescimento na demanda pública relacionada às informações procedentes do âmbito científico, o que levou os meios de comunicação a atuarem como mediadores entre o mundo científico e o mundo cotidiano, visando transmitir a ciência e torná-la mais acessível ao público-alvo. Considerando tais questões, esse artigo discute, com base nos pressupostos teóricos referentes à *heterogeneidade discursiva*, as marcas de heterogeneidade mostrada presentes no discurso de divulgação científica veiculado pelas seções *Ciência e Saúde* da revista *Veja*.

Palavras-chave: discurso de divulgação científica; revista *Veja*; heterogeneidade discursiva.

ABSTRACT: The contemporaneousness caused an increase in public demand related to proceeding information from the scientific field, which led the media to act as mediators between the scientific world and the daily world, in order to convey Science and make it more accessible to the target-audience. Considering such issues, this paper discusses, based on the theoretical assumptions concerning to the *discursive heterogeneity*, the presented shown heterogeneity brands within the discourse of scientific circulation propagated by *Ciência* and *Saúde* sections of *Veja's* magazine.

Key-words: discourse of scientific circulation; *Veja* magazine; discursive heterogeneity.

¹Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: leilanemoraisoliveira@gmail.com.

²Professora Doutora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: cristiane.cataldi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre o discurso científico pressupõe considerar não somente a produção de conhecimento das diversas áreas acadêmicas, mas também a sua transmissão para a sociedade, uma vez que o interesse pelas questões ligadas à ciência, na contemporaneidade, eleva a importância de seu papel e a torna indissociável das instâncias de poder mercadológico e cultural.

Dizemos isso por ser possível observar que um movimento mercantil vem fazendo com que a ciência e suas conquistas (principalmente as que dizem respeito à saúde, à beleza e à tecnologia computacional) tornem-se objetos de consumo. Fato que, por conseguinte, tem levado as agências de imprensa a se interessarem pela divulgação dos avanços de determinadas áreas do conhecimento.

Em relação a isso, Cataldi (2003, p.208) argumenta que a consolidação definitiva da ciência, como área temática dos principais jornais do mundo, é recente, pois, somente no final dos anos setenta e início dos anos oitenta, houve uma aproximação efetiva entre cientistas e cidadania. Isso, segundo a autora, permitiu conhecer e avaliar o mundo da ciência e suas implicações, como também permitiu observar a sua relação com o universo político, econômico etc.

Desde esse período, portanto, as instâncias midiáticas passaram a atuar como mediadoras entre o seu público-alvo, algumas vezes leigo e em busca informações, e os cientistas/pesquisadores que divulgam os resultados de suas investigações. É a partir da demanda desse público alvo que os veículos de informação geral consideraram como parte de sua pauta o processo de divulgação e de transformação do conhecimento científico em conhecimento acessível às grandes massas.

Quanto a isso, Gonzalez (1992)³ pondera que este processo de divulgação da ciência não é sinônimo de uma completa democratização do conhecimento, uma vez que permite observar que a disseminação dos saberes pela mídia traz em si a reiteração de práticas político-ideológicas que se diferenciam da simples tentativa de informar os interlocutores acerca do desenvolvimento da ciência.

Tem-se assim que, embora muitos veículos midiáticos apresentem-se como imparciais e puramente informativos, a objetividade é um mito que não condiz com a realidade discursiva relacionada à divulgação da ciência, visto que as informações, antes de serem popularizadas, passam pelo crivo de um profissional que as seleciona e as apresenta, segundo pontos de vista pré-estabelecidos. Considerando, pois, essas questões, esse artigo objetiva discutir os efeitos de sentido decorrentes das marcas de heterogeneidade mostrada presentes no discurso de divulgação científica, veiculado pela revista *Veja*, entre janeiro e junho de 2008, por meio de dezessete textos publicados nas seções *Ciência e Saúde*.

³Gonzalez (1992) apud Loureiro (2003).

A RECONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO COMO PRÁTICA DISCURSIVA

A divulgação de informações de caráter científico na mídia apresenta-se a partir de uma variedade de estratégias comunicativas que abarcam questões relacionadas à seleção, à organização e à reformulação discursiva das informações, permitindo observar o tratamento dado pelos sujeitos enunciadorees aos fatos científicos por eles enfocados.

O processo de *recontextualização* da ciência na mídia caracteriza-se por *re-criar* este tipo de conhecimento para cada público (CALSAMIGLIA *et. al.*, 2001). Nesta concepção, o conhecimento científico está diretamente relacionado com a sua representação discursiva no interior de uma nova formação discursiva, de modo que seja transposto da formação discursiva científico-acadêmica para a de divulgação.

Portanto, a tarefa divulgadora não somente exige a elaboração de uma forma discursiva adequada a novas circunstâncias (conhecimentos prévios do interlocutor, seus interesses, etc.), mas também a reconstrução do mesmo conhecimento para um público diferente. Desse modo, a *recontextualização* da informação científica torna-se um processo dinâmico e complexo no qual a estrutura e a formulação textuais, as especificidades léxico-semânticas e as particularidades históricas e sociais são contemplados a partir dos propósitos e dos protagonistas que formam a relação enunciativa de divulgação. Desse modo, a Análise do Discurso de linha francesa, através de seu aporte teórico e metodológico, disponibiliza categorias de análise que possibilitam caracterizar como ocorre este processo de divulgação da ciência para as grandes massas, por meio da identificação dos procedimentos discursivos envolvidos nessa prática de difusão.

A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

Sabe-se que Émile Benveniste foi o primeiro linguista, no quadro estruturalista do início do século XX, a considerar a questão da subjetividade como parte dos estudos sobre a linguagem; ao romper barreiras impostas por Saussure e estabelecer que a “linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*” (BENVENISTE, 1976, p. 286 – Grifo do autor).

Por meio dessas ponderações, Benveniste ainda expôs que é “na” e “pela” linguagem que o homem se constitui como sujeito. Porém, acabou por priorizar o estudo da enunciação (considerando que é nela que o sujeito exprime e marca a sua subjetividade) e referiu-se ao sujeito como um ser marcado pela homogeneidade e como o único protagonista da cena enunciativa que possui a marca de subjetividade, o que o levou, por conseguinte, a desconsiderar a relevância do Tu (do “outro”) na constituição da subjetividade linguística.

Contudo, ainda no início do século XX, o círculo de Mikhail Bakhtin passou a teorizar que os enunciados e os sujeitos relacionam-se por meio de um diálogo contínuo, o qual pode ser estabelecido tanto com os dizeres pré-construídos, que circulam na memória, quanto com o parceiro da cena enunciativa.

Pelos apontamentos do círculo, uma perspectiva dialógica foi portanto incorporada aos estudos da linguagem e passou-se a considerar que o verdadeiro terreno da enunciação firmava-se em um plurilinguismo dialogizado, no qual as vozes sociais se entrecruzam de maneira multiforme e os enunciados, “ao mesmo tempo em que respondem ao já-dito (...), provocam continuamente as mais diversas respostas” (FARACO, 2006, p. 87).

A Análise do Discurso francesa, estimulada pelas ideias bakhtinianas, considerou, desde as primeiras discussões epistemológicas de Michel Pêcheux, que o sujeito, ao invés de imobilizado em sua homogeneidade, caracterizava-se como um ser fragmentado, opaco e limitado pelas formações discursivas⁴ em que se encontra inserido e pelo “Outro”, considerado como aquele para quem o sujeito planeja a sua fala e, ainda, como os outros discursos históricos que emergem na fala do próprio sujeito (BRANDÃO, 1998, p. 49).

A noção de subjetividade deixa de centrar-se no Eu, como propôs Benveniste, para constituir-se na heterogeneidade caracterizada pela relação entre o Eu e o seu Outro, de modo que os sujeitos passaram, assim, por um descentramento e a heterogeneidade tornou-se uma parte constitutiva dos mais variados discursos.

Quanto ao discurso de divulgação científica propriamente dito, alguns autores (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004; MARTINS, s.d.) consideram que ele é um lugar privilegiado de materialização da heterogeneidade, em virtude da articulação existente entre o discurso científico e o não científico. No entanto, Martins (s.d., p.1) destaca que a heterogeneidade, no interior desse tipo de discurso, se “constitui priorizando não os aspectos enunciativos envolvidos, mas sim as posições de sujeito em Formações Discursivas”, o que implica dizer que o traço definidor da aparição de “outros” no Discurso de Divulgação Científica é o grau de legitimidade que cada um deles porventura possua no interior de dadas formações discursivas.

Conforme Maingueneau (1997, p.75) expõe em sua teoria, falar sobre heterogeneidade discursiva é, antes de qualquer coisa, tomar consciência “de um funcionamento que representa uma relação radical” do que é interno com o que é externo ao discurso. E, partindo da teoria apresentada por Authier-Revuz, esse autor expõe que tal fenômeno discursivo ocorre sob a forma de dois planos diversos, a saber, o da *heterogeneidade mostrada* e o da *heterogeneidade constitutiva*:

⁴Entende-se “Formação Discursiva” pelo que pode e deve ser dito, pelos sujeitos, em dadas conjunturas históricas e sociais.

(...) a primeira incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, p.75)

Além disso, Maingueneau afirma que somente

a primeira é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente a alteridade (discurso citado, auto-correções, palavras entre aspas, etc.). A segunda, ao contrário, não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão tão intimamente ligados ao texto que não podem ser apreendidos por uma abordagem linguística *stricto sensu* (MAINGUENEAU, 2005, p. 33 - Grifo do autor).

Quanto ao fenômeno discursivo de *heterogeneidade mostrada*, o autor considera que ele vá muito além das manifestações do discurso relatado e argumenta que elencar os seus diversos tipos é uma tarefa bastante complexa, quiçá impossível. Porém, Maingueneau mostra que mecanismos como os de *pressuposição*, *negação*, *parafrasegem*, *ironia*, etc. podem ser tomados como exemplos da manifestação discursiva de *heterogeneidade mostrada*.

Devido a essas considerações, portanto, a *heterogeneidade constitutiva* será desconsiderada no presente artigo, a fim de verificar se as categorias propostas por Maingueneau mostram-se presentes no Discurso de Divulgação Científica que é veiculado pela revista *Veja*, nos textos das seções *Ciência e Saúde*, e quais os efeitos de sentido deles decorrentes.

A HETEROGENEIDADE MOSTRADA NO DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA REVISTA VEJA

A análise dos dezessete textos que compõem o *corpus* desse artigo revelou que a *heterogeneidade mostrada*, no Discurso de Divulgação Científica veiculado pelas seções *Ciência e Saúde* da revista *Veja*, apresenta somente os mecanismos de *negação*, *discurso relatado* (direto e indireto) e *paráfrase*. Dessa forma, apresenta-se a seguir uma análise dos principais exemplos retirados de nosso *corpus*.

NEGAÇÃO

Maingueneau (1997, p. 80) argumenta que a *negação* pode ser vista como objeto de análise da *heterogeneidade discursiva mostrada* se for devidamente percebida como fenômeno caracterizado por uma relação de antagonismo entre enunciados atribuídos a enunciadores diferentes, de modo que um negue tanto a validade do outro, quanto o ponto de vista que é atribuído ao sujeito responsabilizado pelo enunciado que é

negado. Dessa forma, tem-se que o enunciador que tem o seu ponto de vista negado pode ser um indivíduo, um destinatário, uma opinião pública, etc.

Tendo isso em mente, tomemos para discussão os seguinte trecho do *corpus*:

(1) Morrer de ansiedade, portanto, não é apenas uma expressão: trata-se de uma possibilidade real. Para chegar a essa conclusão, os pesquisadores acompanharam por doze anos um grupo de 735 homens saudáveis. Com idade média de 60 anos, eles tiveram seus hábitos monitorados por questionários e foram submetidos a exames médicos periódicos (MAGALHÃES, 2008).

Nesse trecho, é possível observar que a oração negativa “*Morrer de ansiedade, portanto, não é apenas uma expressão: trata-se de uma possibilidade real*” contrária à expressão, que é usada no domínio público, “morrer de ansiedade”; pois, ao apresentar os resultados da pesquisa realizada pela Universidade do Sul da Califórnia, mostra a ansiedade como um mal do qual o ser humano realmente se encontra passível.

Sob esse prisma, portanto, constata-se que uma gama de enunciadores, que tomam a expressão (“*morrer de ansiedade*”) no sentido figurado, é confrontada por um discurso de divulgação científica que, valendo-se dos dados empíricos da referida pesquisa, apresenta o ato de “morrer de ansiedade” como possibilidade real.

Assim, vê-se que é a partir do antagonismo dessa cena enunciativa, a qual coloca em posições diferentes o enunciador da revista - que corrobora a visão de uma formação discursiva pautada no discurso científico - e os enunciadores - que utilizam a expressão citada apenas como uma frase feita de cunho popular, que um choque semântico de negação é claramente estabelecido entre esses enunciadores.

Considere-se agora a seguinte informação:

(2) O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), figura capital do pensamento moderno, escreveu que, para suportar as agruras da vida, a humanidade havia sido abençoada com a esperança, o riso – e o sono. Pois é, não está fácil. Como se não bastasse a escassez dos dois primeiros itens, o terceiro também anda em falta. Uma noite bem-dormida tornou-se um privilégio dos poucos que ainda resistem a levar para a cama a angústia e a ansiedade do dia-a-dia. Pelo menos uma vez por semana, metade de toda a população adulta dorme mal (LOPES, 2008).

Como se pode observar, a negação “*Pois é, não está fácil*” faz referência ao trecho do discurso indireto que lhe precede, fazendo alusão aos pensamentos filosóficos de Immanuel Kant.

Aqui, a negação presta-se a evidenciar o quanto a “esperança”, o “riso” e o “sono” têm sido escassos na realidade atual da vida humana. Assim, o enunciador que utiliza a negação o faz em relação às colocações kantinianas, apresentando, para isso, dados estatísticos que, possivelmente, são provenientes de pesquisas: “*Pelo menos uma vez por semana, metade de toda a população adulta dorme mal*”.

Deste modo, vê-se que a voz de Kant é trazida para a cena enunciativa a fim de que o enunciador possa negá-la e introduzir os dados científicos de uma pesquisa voltada para a

criação de remédios contra a insônia. Além disso, esse enunciador apresenta a relevância desses medicamentos (e da própria notícia) para os seus leitores, pois, negando as colocações do filósofo, visa levar os seus interlocutores a acreditarem que os medicamentos representam um caminho para um sono melhor.

Observe o seguinte trecho:

(3) Agora, pesquisadores da Escola de Medicina Mount Sinai, em Nova York, descobriram que há muito mais casos de problemas relacionados a pancadas na cabeça do que aqueles existentes na literatura médica. Os médicos não costumam esclarecer os pacientes sobre os problemas que podem advir do trauma. O resultado é que, meses – ou anos – depois, o ferido pode deparar com perturbações, sem associá-las ao acidente (VIEIRA, 2008).

No presente trecho, observa-se que a negação está relacionada a um trecho anterior de discurso indireto. Vê-se que, por meio desse trecho, o enunciador apresenta a descoberta dos pesquisadores da Escola de Medicina Mount Sinai e, logo após, expõe a asserção negativa “*Os médicos não costumam esclarecer os pacientes sobre os problemas que podem advir do trauma*”.

O enunciador partilha, portanto, da posição que é mantida pelos enunciadores caracterizados como “*pesquisadores da Escola de Medicina Mount Sinai*” (a saber, a de que existem “*muito mais casos de problemas relacionados a pancadas na cabeça do que aqueles existentes na literatura médica*”) e, dessa forma, refuta a ideia, talvez proveniente da opinião pública, de que os médicos sempre esclarecem os seus pacientes quanto aos problemas que possam advir de pancadas na cabeça.

(4) (...) os suplementos ganharam o papel de panacéia para uma série de males e de retardadores do envelhecimento. Hoje, cerca de 20% dos adultos do mundo ocidental fazem uso desses compostos. Valer-se dessas drágeas com o intuito de viver mais, no entanto, pode ter o efeito inverso: ver roubados anos de vida. É o que mostra o maior estudo de revisão sobre a suplementação de vitaminas e minerais já feito (BUCHALLA, 2008).

O termo linguístico que marca a negação, no presente enunciado, é o operador argumentativo “no entanto”, o qual estabelece, de forma clara, uma relação de oposição entre os enunciados “*Hoje, cerca de 20% dos adultos do mundo ocidental fazem uso desses compostos*” e “*Valer-se dessas drágeas com o intuito de viver mais (...) pode ter o efeito inverso*”.

Aqui, o enunciado negado parece ter como enunciador todos os 20% de adultos que fazem uso dos suplementos de vitaminas. Dessa forma, constata-se que, igualmente ao exemplo anterior, a negação incide sobre um enunciado que tem como locutor uma coletividade que, conforme expõe Maingueneau (1997, p. 81), também pode ser chamada de ON – *a gente*.

(5) Há ainda quem associe a esquizofrenia a pessoas intelectualmente sofisticadas. Essa é uma teoria sem nenhum fundamento. O que ocorre é que grandes artistas, escritores e cientistas padeciam – e padecem – do mal (LOPES, 2008d).

Este trecho representa mais um exemplo de negação que incide sobre o enunciado de um enunciador que poderíamos caracterizar como “coletivo”. Vê-se que tal enunciador é generalizado sob a forma do pronome relativo “quem” e é esta generalização que torna possível perceber que a ideia da esquizofrenia, como doença ligada a intelectuais, é compartilhada por certa pluralidade de enunciadores indicados por meio do referido pronome.

Parece-nos, dessa forma, que é visando corroborar a visão da formação discursiva em que está inserido (a qual presta-se à divulgação de pesquisas científicas ligadas ao tratamento da esquizofrenia) que o enunciador, desse discurso de divulgação científica, utiliza a negação “*Essa é uma teoria sem nenhum fundamento*”.

Não obstante, essa utilização serve tanto para apresentar a sua visão, que fundamenta-se nos resultados científicos divulgados, quanto para criticar o estereótipo criado em torno dos padecentes de esquizofrenia (o qual poderia ser sintetizado como: aquele que sofre de esquizofrenia é muito inteligente, é intelectual, etc.).

DISCURSO RELATADO

Conforme expõe Barbosa (2008, p. 109), a heterogeneidade discursiva que se manifesta através do discurso relatado torna possível “ilustrar uma afirmação feita; lançar uma questão a ser desenvolvida; explorar controvérsias; ironizar (fazer críticas em relação ao locutor citado); explorar aspectos pitorescos; demonstrar fidelidade com o autor evocado; fazer soar a voz da autoridade”.

Já Maingueneau (1997, p. 86) considera que o enunciador, ao relatar as alocações de um terceiro, na realidade, vale-se da voz do outro como um meio de garantir a validade de sua asserção, de modo que o locutor citado é delimitado tanto como o “não eu” em relação àquele que cita, quanto como a “autoridade” que protege a sua fala.

Diante disso, Maingueneau expõe que cada formação discursiva “deve apelar à autoridade pertinente, considerando sua posição”, pois, o “sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc.”, mas são as “imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação” (MAINGUENEAU, 1997, p. 86).

Sabe-se que o discurso relatado se faz presente em grande parte das produções discursivas, o que, por conseguinte, não nos permite caracterizar essa marca de heterogeneidade como característica do Discurso de Divulgação Científica veiculado pela *Veja*. Contudo, analisar a sua manifestação, dada pelo discurso direto e pelo discurso indireto, e o seu grau de incidência em nosso *corpus*, revela-se um meio de indicar possíveis efeitos de sentido que perpassam a formação discursiva em questão.

DISCURSO DIRETO

O *discurso direto* é caracterizado, na linguística, como a aparição da voz do “outro” (do “não eu”) no interior de um discurso pertencente ao “eu” que enuncia, sendo separado do mesmo, geralmente, por meio de aspas, de travessões, de destaques em itálico, de dois pontos, etc. No entanto, antes de figurar a reprodução literal do discurso do “outro”, esse discurso deve ser compreendido apenas como a encenação do discurso anterior, empreendida segundo dados objetivos discursivos (MAINGUENEAU, 1997, p. 85).

No *corpus* do presente trabalho, verificou-se que, na maioria das vezes, a voz do “outro”, introduzida nos enunciados por meio de discurso direto, foi utilizada como estratégia para legitimação do dizer daquele que a cita. Notou-se que as transcrições, entre aspas, das falas de “autoridades” que se relacionam, de alguma forma, aos eventos científicos divulgados, representaram um modo de conferir ao locutor credibilidade e aos interlocutores a segurança de que os enunciados reportados são fiéis em relação ao que realmente foi dito por essas vozes.

Por outro lado, também mostraram ser um modo de driblar o grau de responsabilidade do enunciador diante do discurso que enuncia, pois, através do contrato que este enunciador sela com os argumentos de autoridade que evoca, a responsabilidade sobre os sentidos veiculados passam a ser também pertencentes a outrem.

Abaixo seguem alguns trechos do *corpus* que ilustram essas considerações e que, por apresentarem características semelhantes, serão conjuntamente analisados:

(6) “A técnica consiste em extrair células-tronco do tecido gorduroso dos próprios animais doentes e depois aplicá-las na área afetada por meio de injeções. (...) Como as células-tronco pertencem ao próprio animal, não há perigo de rejeição”, disse a VEJA a veterinária Julie Ryan Johnson, vice-presidente da Vet-Stem (CORRÊA, 2008).

(7) Mas o que dizer da espécie de macaco das selvas asiáticas cujos machos “pagam” pelo sexo com as fêmeas usando cafunés como moeda? Seria a mais antiga das profissões ainda mais antiga do que se pensa? Essa interpretação do comportamento dos macacos asiáticos, evidentemente, só se sustenta à luz da comparação com os hábitos humanos. Diz a bióloga Eleonora Trajano, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo: “Nosso comportamento é determinado por valores e sentimentos influenciados por nossa cultura. Não é o que acontece com os animais. Por isso, é preciso cautela ao atribuir características humanas a outras espécies” (VIEIRA, 2008b).

(8) Homens gays e mulheres heterossexuais apresentam mais conexões neuronais na amígdala esquerda, enquanto em lésbicas e homens heterossexuais elas predominam na amígdala direita. “É provável que essas diferenças se estabeleçam ainda no útero ou muito cedo na infância”, afirma a coordenadora do estudo, a sueca Ivanka Savic (VIEIRA, 2008d).

(9) Os soníferos mais modernos agem exclusivamente no processo de indução do sono. Além de mais eficazes, causam menos efeitos colaterais do que seus antecessores. “Os remédios atuais provocam um quinto das reações adversas dos primeiros soníferos”, diz o neurologista Flávio Alóe, do Centro do Sono, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, de São Paulo (LOPES, 2008).

(10) “O tratamento com remédios só é indicado nos casos em que os sintomas incapacitam o portador de alguma forma”, diz Marcio Versiani, coordenador do programa de depressão e ansiedade da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “O que se observa hoje é que muitas pessoas tomam remédios em vez de enfrentar os problemas”, conclui (NEIVA, 2008).

Como se vê, a heterogeneidade é explícita em todos os exemplos citados e, de modo geral, aparece após breve introdução do conhecimento científico que será divulgado no texto, o que confirma o fato de o discurso direto servir como argumento de autoridade em relação ao que é dito pelo enunciador citante.

Isso pode ser claramente constatado se atentarmos para o fato de que, além do nome completo de cada um dos especialistas apresentados como fonte, o enunciador também cita a profissão e/ou a função desempenhada por eles nas instituições às quais se encontram ligados (Julie Ryan Johnson – vice-presidente da Vet-Stem; Eleonora Trajano – bióloga do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo; Ivanka Savic – coordenadora do estudo desenvolvido; Flávio Alóe – neurologista do Centro do Sono, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo; Marcio Versiani – coordenador do programa de depressão e ansiedade da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Quanto aos verbos *dicendi* utilizados para a introdução dos discursos diretos, viu-se que foram “dizer”, em (6), (7) e (9), “afirmar”, em (8), e “concluir”, em (10). Isso nos mostra que, enquanto o verbo dos exemplos (6), (7) e (9) revela um sentido restrito à simples introdução da voz do “outro”, em (8) e em (10) há uma ênfase nas ações praticadas pelos “outros” que tiverem suas vozes citadas: no caso do primeiro, vê-se que há ênfase em relação ao fato de o “outro” sustentar, com firmeza, uma asserção e, no segundo, de o “outro” deduzir algo, através de uma conclusão.

Por fim, vale ressaltar que, como já era esperado, o discurso direto, utilizado como um importante procedimento discursivo de expansão (para a introdução de argumentos de autoridade), foi um dos recursos mais utilizados em todo o *corpus*, fazendo-se presente na totalidade dos textos analisados.

DISCURSO INDIRETO

O *discurso indireto* também é caracterizado como uma reprodução da fala do “outro”; porém, diferentemente do discurso direto, é considerado uma reprodução não fiel do discurso relatado, pois, ao utilizá-lo, o enunciador pode expor o que foi proferido pelo “outro” de diversas maneiras e isso implica o fato de esse discurso não apresentar uma reprodução “exata” do que foi dito anteriormente pelo “outro”.

Considerando essas questões, selecionamos para análise os seguintes exemplos que, devido às similitudes expressas, também serão conjuntamente analisados:

(11) Freud considerava a homossexualidade uma forma de retardo no desenvolvimento do indivíduo, causado por um pai ausente ou por uma mãe superprotetora. Os estudos mais recentes indicam que, embora as experiências de vida possam concorrer para que alguém se torne homossexual, os fatores biológicos, decididamente, têm um papel nesse processo. Uma pesquisa divulgada na semana passada, feita pelo Stockholm Brain Institute, do Instituto Karolinska, na Suécia, foi recebida pelo meio científico como a prova mais consistente até hoje do peso do fator biológico na homossexualidade. A conclusão da pesquisa mostra que o cérebro de pessoas homossexuais se assemelha mais ao de indivíduos do sexo oposto do que ao de heterossexuais do mesmo sexo (VIEIRA, 2008d).

(12) Segundo Wagner e Sancho, os milhares de pequenos buracos negros que se formariam dentro do LHC poderiam se juntar em um só. O buraco negro resultante dessa fusão começaria a sugar a matéria a sua volta e a crescer, iniciando um processo em cadeia que acabaria por engolir a Terra. Os cientistas do Cern não descartam a possibilidade de buracos negros se formarem após as colisões de prótons dentro do LHC, mas afirmam que eles não teriam energia suficiente para se manter. Em frações de segundo se desintegrariam em partículas inofensivas (VIEIRA, 2008c).

(13) “Um artigo publicado na revista científica Nature traz a mais fascinante explicação para um dos maiores tormentos das pessoas – a dificuldade de emagrecer e de manter o novo peso. Pesquisadores do Instituto Karolinska, em Estocolmo, na Suécia, revelaram que o número de células adiposas (adipócitos) é definido até os 20 anos. Depois dessa idade, nada é capaz de diminuir essa quantidade – nem a mais espartana das dietas. Quando uma pessoa emagrece, os adipócitos apenas perdem volume, mas continuam lá. Não é só isso. Todos os anos, 10% das células adiposas são renovadas. E as novas têm uma incrível propensão para aumentar de tamanho. Eis aí uma explicação de por que, depois de um período de privações à mesa, é fácil recuperar os quilos perdidos” (LOPES, 2008b).

(14) “Foi no fim dos anos 70, quando o químico americano Linus Pauling passou a defender a tese de que megadoses de vitamina C retardariam o envelhecimento e até ajudariam a prevenir o câncer, que os suplementos ganharam o papel de panacéia para uma série de males e de retardadores do envelhecimento” (BUCHALLA, 2008).

(15) “Após uma série de entrevistas e exames cerebrais feitos com dois grupos, um de pessoas com histórico de pancadas fortes na cabeça e outro sem essa característica, os cientistas do Mount Sinai detectaram que no primeiro grupo havia duas vezes mais casos de depressão e abuso de álcool e drogas. Distúrbios como síndrome do pânico e transtorno obsessivo-compulsivo também se revelaram mais frequentes nesses pacientes. Em outro braço da pesquisa, realizado com estudantes de programas para crianças com dificuldades de aprendizagem, 50% tinham histórico de pancadas na cabeça” (VIEIRA, 2008).

Como se vê, todos esses fragmentos possuem em comum a característica de concatenarem diversas vozes sociais à voz do enunciador por meio do discurso indireto. A partir do discurso relatado indireto, pode-se claramente perceber que, embora o enunciador citante tente transferir, à voz citada, a responsabilidade sobre o que diz, a partir do momento em que usa a voz de outrem, esse enunciador constrói a defesa de seu próprio ponto de vista (e talvez do ponto de vista do corpo editorial ao qual está ligado) em relação ao que é dito.

Em especial, exemplifica-se isso por meio do fragmento (12), o qual apresenta o parecer de cientistas que, com base na possibilidade de buracos negros se formarem no espaço, criticam a criação de uma máquina que visa reproduzir o *Big Bang*. Tal fragmento, portanto, pode ser tomado como manifestação de um discurso indireto que, ao invés de veicular imparcialidade, transmite o posicionamento do enunciador que o utiliza. Deste modo, antes de ser uma simples “tradução” da fala do enunciador citado, o discurso direto, nesse exemplo, é um componente de grande influência na divulgação dos fatos científicos ligados à construção da referida máquina do *Big Bang*, pois, evidencia o “perigo” que está por trás da mesma.

Em relação aos exemplos de discurso relatado indireto, nota-se ainda que os enunciadores, diferentemente do que ocorre em relação ao discurso relatado direto, não especificam, com rigor, o nome e a função dos “outros” com os quais dialogam na cena enunciativa, pois, como se pode observar, nomes só são mostrados nos exemplos (11) – Freud e (12) – Wagner e Sancho, enquanto em (12), (13) e (15) o “outro” é generalizado sob as formas (12) – cientistas do Cern; (13) – pesquisadores do Instituto Karolinska e (15) – cientistas do Mount Sinai.

PARÁFRASE

Conforme argumenta Maingueneau (1997), a *paráfrase* é uma equivalência entre dois enunciados, dos quais um pode representar a reformulação do outro ou não. Sendo essa reformulação, portanto, a retomada de uma expressão enunciativa por meio de outra linguisticamente diferente.

Apesar de abordagens simplistas reduzirem a paráfrase à mera alteração de uma forma linguística sem alteração de seu significado, Maingueneau (1997, p. 97) desconstrói a possibilidade de neutralidade desse fenômeno e aponta que sua utilização, na realidade, busca a intervenção “em um momento definido de uma argumentação, em uma cena enunciativa e uma formação discursiva particulares”.

Além disso, esse autor presume que a paráfrase seja uma tentativa subjetiva de

controlar pontos nevrálgicos da polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Fingindo dizer diferentemente a “mesma coisa” para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997, p. 96).

Considerando, pois, essas afirmações, selecionamos para discussão alguns trechos retirados do *corpus* de análise e, conforme será possível observar, nota-se, por meio deles, que a maior parte das paráfrases utilizadas, no discurso de divulgação científica veiculado pela *Véja*, revela tentativa de eliminar as possíveis dificuldades que metalinguagens científicas possam acarretar nos interlocutores desse discurso.

Assim, citam-se os seguintes fragmentos:

(16) As transformações fisiológicas ocorridas na transição da infância para a adolescência resultam de uma cascata de reações químicas. Tudo começa com o aumento na produção do hormônio GnRH. Sintetizado na região cerebral do hipotálamo, ele funciona como um maestro do processo de puberdade (LOPES, 2008c).

Como se pode constatar, a paráfrase “Sintetizado na região cerebral do hipotálamo, ele funciona como um maestro do processo de puberdade” diz respeito ao referente “hormônio GnRH” e presta-se à definição da função e do local de produção do mesmo no interior do corpo humano.

Observa-se que, ao mesmo tempo em que apresenta o referente, o enunciador desse discurso o utiliza de forma parafrazeada a fim de que o seu interlocutor possa compreender o que está sendo divulgado. Deste modo, a heterogeneidade se manifesta não somente em virtude de o enunciador utilizar e parafrasear um termo pertencente a uma formação discursiva da qual não faz parte (nesse caso a formação discursiva científica), mas também por considerar a imagem que possui do “outro” (do interlocutor de seu discurso) na hora de instituir o seu dizer no interior da formação discursiva em que ele circulará.

(17) Frequentemente, as pesquisas com animais também revelam surpresas – descobre-se que eles adotam comportamentos semelhantes aos das pessoas. Pelo menos, essa é a interpretação dos cientistas. Os elefantes têm compaixão por seus mortos e vão visitar seus restos regularmente. Os botos machos oferecem presentes e mimos às fêmeas para seduzi-las. Parece invenção de Hollywood, mas essas são conclusões de pesquisas feitas recentemente. (VIEIRA, 2008b).

Embora o presente trecho pareça, à primeira vista, um exemplo de discurso indireto, optou-se por apresentá-lo como paráfrase em virtude de ser possível observar que não existem marcas linguísticas que indiquem, com precisão, quais pesquisas (envolvendo animais) revelaram os dados apresentados pelo enunciador.

Dessa forma, apontamos que as vozes/pesquisas citadas o são através do mecanismo discursivo da paráfrase e não do discurso indireto, pois, a ausência das fontes revela uma paráfrase que se presta a condensar/ resumir os resultados obtidos por algumas pesquisas científicas (“*Os elefantes têm compaixão por seus mortos e vão visitar seus restos regularmente. Os botos machos oferecem presentes e mimos às fêmeas para seduzi-las.*”) e a divulgá-las aos interlocutores do enunciador que parafraseia.

(18) Para entender como o álcool atua no sistema nervoso, cientistas da Universidade do Estado da Pensilvânia resolveram embriagar drosófilas, as moscas-das-frutas, um dos organismos mais propícios a experiências de laboratório (VIEIRA, 2008b).

No trecho (18), fica evidente a mesma marca de heterogeneidade que foi discutida em (16). Nota-se que o fragmento “*as moscas-das-frutas, um dos organismos mais propícios a experiências de laboratório*” representa uma paráfrase do termo científico “*drosófilas*” e serve, novamente, para situar o interlocutor em relação ao termo científico que é divulgado.

Sob esse aspecto, constata-se, mais uma vez, que o enunciador conta com o “outro” ao instituir o seu discurso e guia-o para ele na medida em que busca auxiliá-lo durante o processo de compreensão.

(19) Desde a Grécia antiga se procuram explicações para o homossexualismo. Em sua obra *O Banquete*, escrita no século IV a.C., Platão atribui ao dramaturgo Aristófanes a narrativa que se segue. No início dos tempos, as criaturas eram duplicadas. Havia homens grudados a homens, mulheres a mulheres e homens a mulheres. Essas criaturas se voltaram contra os deuses e tentaram escalar até o céu para investir contra eles. Zeus reagiu e, para enfraquecer as criaturas, partiu-as ao meio. Desde então, cada um dos seres humanos busca sua metade. As metades andróginas se complementam num casal formado por homem e mulher. As mulheres resultantes da criatura feminina buscam outras mulheres e o mesmo acontece com os homens resultantes de uma criatura masculina (VIEIRA, 2008d).

Em relação a esse trecho, faz-se necessário ressaltar que ele é o único do *corpus* em que a paráfrase faz referência, de forma explícita, a outro discurso historicamente situado. Como se vê, o “outro” é aqui a obra filosófica de Platão (século IV a. C.), intitulada *O Banquete*.

Tal paráfrase é apresentada ao final do texto (o qual, vale ressaltar, apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida por pesquisadores do *Stockholm Brain Institute-Suécia*, que comprovou o fato de o cérebro de homossexuais ser extremamente parecido com o de pessoas do sexo oposto) e mostra-se como uma tentativa, por parte do enunciador que parafraseia, de aproximar-se de um discurso com o qual busca identificação (nesse caso o de Platão) e/ou de um discurso que convoca para legitimar sua própria face de um enunciador que dialoga com textos canonizados para cumprir a tarefa de divulgar a ciência ao grande público.

(20) Eles dividiram os ansiosos em quatro grupos: fóbicos, somatizadores, psicastênicos e introvertidos. Os primeiros se caracterizam por um medo irracional e exagerado de determinados objetos ou situações. Os segundos são aqueles que, em momentos estressantes, demonstram sintomas físicos, como falta de ar, diarreia e forte taquicardia. O terceiro grupo, o dos psicastênicos, é formado por indivíduos com pensamentos obsessivos e compulsões absolutamente irracionais. O quarto grupo é o dos introvertidos – pessoas que se sentem inseguras ou extremamente desconfortáveis quando precisam interagir socialmente (MAGALHÃES, 2008).

A presente paráfrase nos mostra um deslocamento de informações do discurso científico para o de divulgação. Apesar de não termos acesso ao texto científico fonte, dizemos isso em virtude de ser possível notar que a paráfrase que define cada uma das quatro categorias estabelecidas, pelos pesquisadores da Universidade do Sul da Califórnia, para as pessoas ansiosas, parece ser uma maneira de o enunciador tentar aproximar os seus interlocutores do discurso científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, neste trabalho, buscaram-se analisar as marcas de *heterogeneidade mostrada* que se manifestam no discurso de divulgação científica veiculado pelas seções *Ciência e Saúde* da revista *Veja*, considerando que o(s) sujeito(s) enunciador(es) desse discurso, ao materializá-lo, manifesta(m) uma dinâmica discursiva marcada pela constante presença do “outro”.

Dessa forma e tendo por princípio teórico-metodológico que o processo de recontextualização do discurso científico é uma das características fundamentais do discurso de divulgação científica, buscou-se observar como tal discurso mantém relações com o “já-dito” e, por conseguinte, como as vozes de outrem são conclamadas para a participação na cena enunciativa.

De modo geral, verificou-se que a *heterogeneidade mostrada* presente no *corpus* analisado manifestou-se, essencialmente, a partir dos mecanismos de *negação*, *discurso relatado* – direto e indireto – e *paráfrase* e, através disso, constatou-se que o discurso de divulgação científica da *Veja* é construído por um sujeito ativo que, ao *recontextualizar* o conhecimento científico, busca adesão aos seus pontos de vista.

Como já esperado, verificou-se que o *discurso relatado* (direto e indireto) foi o mecanismo discursivo de *heterogeneidade mostrada* mais empregado em todo o *corpus*, aparecendo praticamente na totalidade dos textos analisados. Viu-se que através de *argumentos de autoridade*, baseados nas citações (diretas e indiretas) das vozes de profissionais socialmente legitimados, os enunciadores (que citam) buscaram a legitimação de suas próprias falas e também uma aproximação do discurso científico propriamente dito, visto que as citações são marcas constantes desse tipo de discurso.

Em contrapartida, pode-se também postular, embora não seja possível afirmar com precisão, que a presença do discurso relatado, no discurso de divulgação científica veiculado pelas seções *Ciência e Saúde*, seja reflexo de uma tentativa, proveniente do enunciador que o institui, de eximir-se da responsabilidade relativa às informações que divulga.

Quanto ao mecanismo de *paráfrase*, verificou-se que a sua utilização também é marcada pela tentativa de aproximação do discurso parafraseado (a saber, o discurso científico), funcionando como uma espécie de “tradução” dos termos científicos. Já as *negações* mostraram ser um mecanismo do qual o enunciador se vale para confrontar enunciados de diferentes enunciadores na medida em que, de um lado, apresenta opiniões públicas e/ou científicas e, de outro, refuta as mesmas através da apresentação de dados de pesquisa que lhe servem de base.

Dessa forma, ao contrário do que se poderia supor, o discurso de divulgação científica da revista *Veja* não visa somente informar o seu interlocutor em relação aos fatos científicos, mas busca também, através dos mecanismos de heterogeneidade discursiva

isentos de neutralidade, convencer o mesmo quanto à validade e à importância dos fatos/descobertas que a revista divulga.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: n. 19, p. 25-42, jul./dez.1990.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARBOSA, M. S. M. F. *A heterogeneidade discursiva em revistas de divulgação científica*. 2008. 271 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral 1*, 1976.

BRANDÃO, N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

BUCHALLA, A. P. Bomba vitamínica. Um grande estudo afirma que não é bom negócio você se entupir de suplementos nutricionais. *Revista Veja*, 2008. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

CALSAMIGLIA, H. (Coord.); BONILLA, S.; CASSANY, D.; LÓPEZ, C.; MARTÍ, J. Análisis discursivo de la divulgación científica. *Lengua, Discurso, Texto* (I Simpósio Internacional de Análisis del Discurso), Madrid, v. 2, p. 2639-2646, 2001.

CATALDI, C. *Los transgênicos en la prensa española: una propuesta de análisis discursivo*. 2003. 409f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2003.

CORRÊA, R. Em bichos já funciona. O tratamento com células-tronco, ainda em fase experimental em seres humanos, já está curando cães e gatos. *Revista Veja*, 2008.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criara Edições, 2006.

LOPES, A. D. De olhos bem fechados. Insônia, sono interrompido? Vem aí uma classe de remédios que ajudará você a dormir melhor. *Revista Veja*, 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 27 fev. 2010.

_____. Elas são para sempre. Dieta, redução de estômago, nada adianta: a quantidade de células de gordura não diminui depois dos 20 anos. O máximo que você pode fazer é murchá-las. *Revista Veja*, 2008b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 27 fev. 2010.

_____. Quando é cedo demais. Pesquisadores identificam uma origem genética para a puberdade precoce, doença que atinge meninas antes dos 8 anos de idade. *Revista Veja*, 2008c. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 27 fev. 2010.

_____. Mentas Dividas. A esquizofrenia ainda é fonte de sofrimento. Mas os atuais tratamentos permitem aos doentes uma vida próxima do normal. *Revista Veja*, 2008d. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 5 nov. 2010

LOUREIRO, J. M. M. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. *Ciência da Informação*. v. 32, n.1, Brasília, p.88-95, 2003.

MAGALHÃES, N. Faz mal ao coração e pode até matar. Estudo mostra que, em doses elevadas, a ansiedade aumenta em até 43% o risco de um homem saudável ter um infarto. *Revista Veja*, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

_____. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005, p. 33-48.

MARTINS, M. F. *Divulgação Científica e a Heterogeneidade Discursiva*. (s. d.). Disponível em:< <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/discurso/marcifileti.pdf>> Acesso em: 5 nov. 2010.

NEIVA, P. As idades de depressão. Pesquisa com 2 milhões de pessoas mostra que a felicidade da juventude retorna na velhice. *Revista Veja*, 6 fev. 2008. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 15 jun. 2010

VIEIRA, V. Pancada Traíçoera. Traumas na cabeça podem provocar distúrbios que só surgem anos depois. *Revista Veja*, 2008. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 15 Jun. 2010.

_____. Com jeito de gente. Os bichos às vezes se comportam como os seres humanos. Muitas pesquisas garantem que sim. *Revista Veja*, 2008b. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 15 jun. 2010

_____. Máquina do fim do mundo. Aparelho feito para estudar a origem do universo pode criar buracos negros na Terra. *Revista Veja*, 2008c. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 15 jun. 2010

_____. A diferença se vê no cérebro. Descoberto que os homossexuais são mais parecidos com pessoas do sexo oposto. *Revista Veja*, 2008d. Disponível em:< <http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/>>. Acesso em: 15 jun. 2010

Recebido em 31 de Março 2012.

Aceito em 30 de Janeiro de 2013.